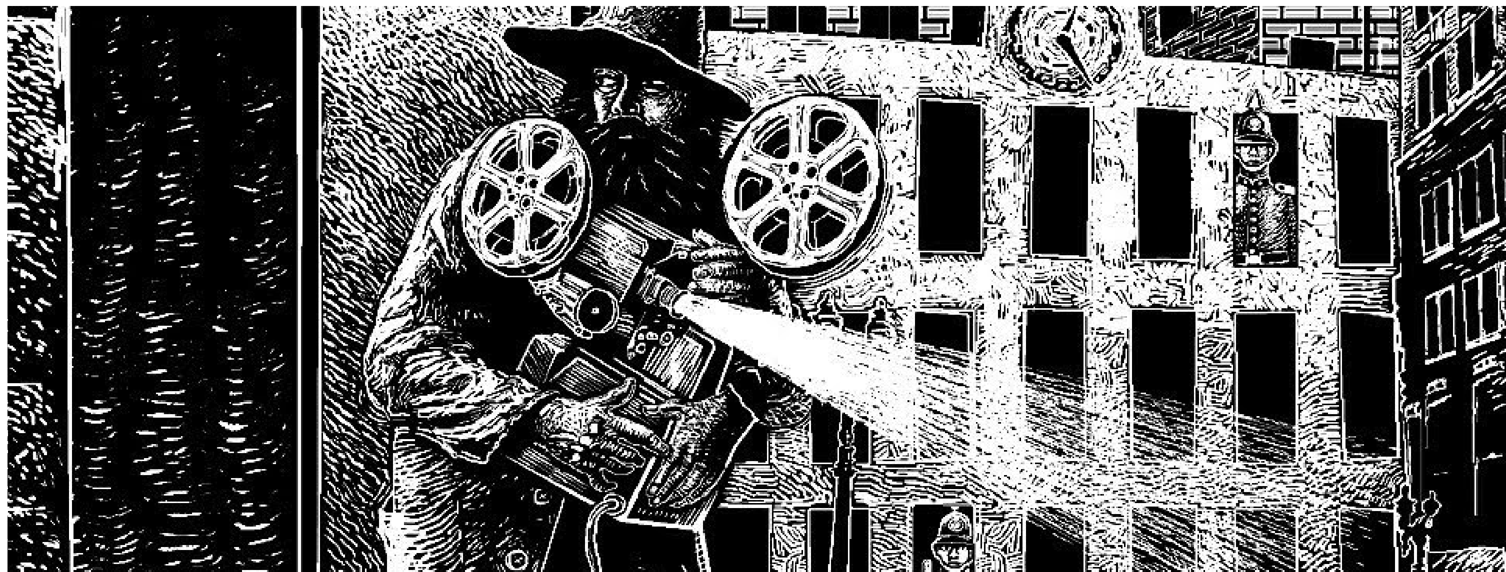
ABORDAXE!

Boletín informativo anarquista
nº 12 · Galiza · Outubro 2016 · mensual

abordaxe.wordpress.com
abordaxe@bastardi.net



Os doce da Yago

O 05 de Outubro ía ter lugar o juízo contra doze pessoas pola ocupaçom da Sala Yago em 2011. O mesmo día convocouse umha concentraçom nas portas dos julgados onde se mostrou o apoio as "Doze", especialmente ao Senlheiro, um dos companheiros encausados que a día de hoje cumpre umha condena de 7 anos de prisom por motivos alheos a este proceso. Finalmente o juízo quedou aprazado ata o 13 de Marzo de 2017 a causa da renuncia dumha das defensas.

Reproducimos umha crónica redactada e publicada no blogue de **O gajeiro na gavea** *segundo as notícias publicadas no velho blogue da revista anarquista Abordaxe.*

A cidade de Compostela acordava na manhã do venres 18 de novembro de 2011 com umha nova que nom deixaria indiferente a ninguém: a emblemática Sala Iago, com mais de 50 anos de funcionamento acolhendo numerosas obras de teatro, cine e diversos actos culturais, -e em estado de abandono desde fazia 4 anos- fora okupada por um grupo de pessoas.

Tras pendurar faixas okupas das balconadas, apresentáva-se a pé da rua do edifício o alcaide Conde Roa para enfurecer-se públicamente por vez primeira, se bem só recebera como resposta apupos do respetável. Essa mesma tarde desenvolvéra-se a primeira assembleia do espaço, á que assistiram entre 80 e 100 pessoas, na que se acordava tirar dos médios alternativos para difundir as novas relacionadas, fazer um calendário de permanências noturnas e programar um fim de semana cheio de actividades: projeçons, circo, monicreques, debates sobre auto-organizaçom e açom direita, concertos, jantares, palestras..., todas elas com grande aceptaçom de público.

A sala seguiria funcionando a tope o luns e o martes, ficando aberta a todo o mundo que quiger participar das actividades e assembleias; e assim, durante o tempo de durou a okupaçom, achegaram-se á Sala moreas de habitantes da cidade de todo tipo e condiçom: anciás nostálgicas da sala, crianças que a viam por primeira vez, ativistas de todo o espectro radical e cultural, curiosas turistas atraidas pola gram expectaçom que levantavam estes feitos na rua ou vizinhança da zona velha que felicitavam ás ocupantes pelo espaço recém recuperado e desfrutavam coas atividades.

Mas ás 11 da manhã do mércores 23 a sala Iago era despejada por um nutridíssimo grupo de GOES, antidistúrbios, polícias á paisana e demais ralea, que retiveram durante mais de 3 horas ás 11 pessoas que estavam dentro nesse momento entanto buscavam provas incriminatórias contra delas, para depois leva-las detidas sob acusaçom de posse e fabricaçom de artefactos explosivos (!!!???) pois no minucioso registro policial atoparam objetos tam perigosos como os que poida ter qualquer pessoa na sua despensa: papel de alumínio, lixívia e outros produtos de limpeza, além dos perigosíssimos extintores da própia sala. A essas 11 pessoas haveria que sumar umha outra na causa que, nom estando presente no momento da irrupçom policial, foi incluida no sumário. As detidas seriam libertadas, pendentes de juízo e com cargos de usurpaçom, essa mesma tarde em torno ás 17h sendo recebedas por duzias de solidárias.

Os protestos pelo despejo foram numerosos, na mesma noite do mesmo dúzias de pessoas aos berros unánimes de *"a rua é nossa e nom de Conde Roa"*, *"lume!"* ou *"desalojos som distúrbios"* avançaram polas ruas da cidade sendo rodeadas dum desmesurado despregue policial, digno dum dia da pátria ou dumha vissita papal; com cargas brutais policiais que foram respostadas com barricadas incendiárias e escaches de vidros de numerosos bancos e outras entidades capitalistas; atos que, ao dia seguinte, seriam catalogados pola imprensa canalha como de guerrilha urbana; se bem, e pola contra, o comportamento da polícia foi merecedor dum relatório de **Esculca** diante das suas preocupantes irregularidades: a) manifesto excesso no uso da força, nom substentado nem na necessidade nem na proporcionalidade; exceso que se repetiu em diversos momentos posteriores ao despeje, espalhándo-se, com ocasiom da manifestaçom da tarde, por múltiplos lugares da cidade; b) innecessário e desproporcionado uso da força policial fronte a jornalistas e fotógrafos, afeitando ilegítimamente o seu direito á informaçom; c) falha de cumprimento da normativa interna das FCSE no referente á identificaçom vissível do número professional dos agentes; d) tratamento dos cidadáns presentes com falha de respeito, chegando a negar-se a atender perguntas em língua galega.

Meses depois, em 20 de fevereiro de 2012, acudiam aos julgados as

Neste número

Novas
Crónica da okupación da Sala Yago · Atacan con pintura o Casa Olga [...]

Historia
U.H.P. «Unión de hermanos proletarios»

Opinión
O castigo patriarcal non protexe ás mulleres · Cisne negro [...]

Reseñas
«Que ten de malo a enerxía renovable?» por Distribuidora Polaris

Vento de través
Maus tempos para a lírica?

doze pessoas encausadas para a vista prévia junto ao juiz instructor do caso, **Jose A. Vázquez Taín**, quem apareceu só por uns minutos com um sumário abultado que mesmo mereceu um seu comentário ao respeito de que “nom para de medrar” e pouco mais que veu dizer que as doze enfrontam-se a umha petiçom da fiscalia de carregos por usurpaçom e, *“caga-te lorito*” por *“tenência de material explosivo!!”*. Dizer que as doze encausadas remetiram-se ao seu direito a nom declarar até o juízo e em poucos minutos abandonaram os julgados.

Agora estas 12 pessoas vam-se enfrontar a um juízo que tem todos os visos de ser injusto de raiz, porque foi o azar quem levou-nas a estar nesta situaçom; se a polícia, em troques de entrar na manhã do dia 23, figera-no na do 24 ou na do 22, seriam outras 12, ou 13, ou …, as pessoas que estiveram encausadas. Tu mesmo quiçás ou qualquer das duzias de pessoas que se passaram pola sala Iago e participaram da sua posta em marcha e de dar vida durante apenas 5 dias a um espaço cultural que hoje segue valeiro e em perigo de derrumbe pese ás falsas promesas de Conde Roa, o alcaide na altura.

Dias depois, em 29 de novembro, este que escreve, realizava um programa especial com o titulo de **“O Pistoleiro Conde Roa Vs Okupas da Sala Iago”** na rádio Kalimera, com o meu relato dos feitos acaecidos arredor da okupaçom da Sala Iago, (com textos própios e recolhidos da rede, quando nom fusilados) comentários sobre as declaraçons aos falsimédios do alcaide Conde Roa e do concelheiro de Cultura Ángel Currás, e umha pequena Biografia das saídas mais saientáveis de Conde Roa, num programa especial de 98 minutos que podedes descargar no blogue “ogajeironagavea.wordpress.com“.

Por tudo isto e mais, solidariedade de coas 12 detidas na Sala Iago.

Porque eu tamém estivem na Sala Iago!

Aqui estamos nós porque detrás estavades vós

Comunicado do ***CSOA Escárnio e maldizer*** *em apoio ás Doce da Yago.*

Na primeira noite, eles aproxímam-se
E recolhem umha flor do nosso jardim
E nom dizimos nada.
A segunda noite, já nom se agocham
Pisam as flores, matam o nosso cam
E nom dizimos nada.
Até que um dia, o mais frágil deles
Entra sozinho na nossa casa, rouba-nos a lua, e
conhecendo os nossos medos,
arrinca-nos a voz das nossas gorjas
E porque nom dizimos nada
Já nom podemos dizer nada.
Mayakovski

E perguntarám os realistas, que se conseguiu coa ocupaçom da Yago? Que batalha foi ganhada? Pero é impossível responder a perguntas que seguem a lógica da produtividade. A ocupaçom da sala Yago nom se pode medir pola suma de resultados práticos já que nunca se tratou disso. Trata-se de certa consciência que se agudiza com atos e com palavras, das ideias que atopam lugar onde expresar-se , da solidariedade e a cumplicidade que se vam forjando.

Aqui estamos nós porque detrás estavades vós. Porque figestes ver que há outras formas de pensar o lezer e a cultura, de organizar a vida fora das lógicas do mercado, de plantar cara e fazer ver o conflito entre quem queremos umha vida em comum e relacionar-nos mediante redes de apoio entre iguais e aqueles que defendem a propriedade privada, independentemente do uso que se faga dela, e a supremacia de uns sobre os outros.

As que tecem redes, as que recuperam casas para quem sofre desafiuzamentos, as que ocupam para criar fogares e espaços de encontro, as que luitam. Solidariedade para todas elas.

Solidariedade coas Doce da Yago.

Dez, cem, mil centros sociais!

Novas

Alto mando da Garda Civil viguesa foi apartado do seu destino tras fachendear do seu cargo e obter favores sexuais debalde baixo ameaças

Por ***O gajeiro na gavea***

O coronel jefe da **Garda Civil** da província de Ponte-Vedra, **Miguel Estévez,** precisou que*“fuimos los primeros en depurar responsabilidades*” e manifestou que esse corpo policial já tomara as *“medidas disciplinarias necesarias”* contra **o alto mando da polícia judicial de Vigo e membro da benemérita**, sospeitoso de cometer abusos sexuais a umha massagista imingrante de origem brasileira. Ditas medidas forom aparta-lo do seu cargo tras conhecer-se que,*“hace alrededor de dos meses”*, a mulher apresentara umha denúncia por esses abusos, engadiu Estévez, quem rematou a sua declaraçom com estas contundentes palavras: *“Somos los primeros que cuando alguien, presuntamente, comete una irresponsabilidad, actuamos y no lo tapamos”.* O que nom deu explicado foi porquê algo tam grave como aproveitar-se da sua condiçom de jefe dum corpo policial para obter favores sexuais baixo ameaças só leva implícita umha retirada do cargo e se só com isso da-lhe ao coronel jefe para fardar de *“**actuamos**”* e tampouco aclarou como se come isso de que *“**no lo tapamos**”*, quando os feitos ocorreram em março (e a denúncia há 2 meses) e nom se deram a conhecer até agora.

Segundo informaçons recolhidas de diversos falsimedios, o alto cargo, do que, como é habitual, nom se facilita filiaçom algumha, nem sequer siglas, vira um anúncio da mulher na Internet para masagens eróticos, concertou umha cita no apartamento dela em O Porrinho, **amosou-lhe a sua placa policial e, baixo coaçons de denuncia-la por imigraçom ilegal, obrigou-na a ter relaçons sexuais gratis.**

A vítima sometera-se á chantagem mas, tras dar-lhe voltas, deduzira que esse home lhe tomara o pelo e que **poidera ser um farsante que se figera passar por polícia**; ve-se que nom conhecia bem á benemérita e foi-se meter na guarida do lobo para fazer a denúncia, e foi entom quando, ao ver as insígnias dos agentes lá postrados, quando caeu na conta de que aquel home que abusara dela tinha umha placa igual.

Segundo a denúncia, a mulher concertara, em 14 de março, umha cita com este cliente e este chegara á sua casa de paisano com uma carpeta azul e ensinara-lhe a sua placa como se fosse um inspector para fazer um control rutinário e anotara seus dados tras ensinar-lhe a mulher seu passaporte e seu permiso de residência, mas entom pugera-se nerviosa e mesmo chorara porque nom queria ter problemas já que estava a tramitar a sua nacionalidade espanhola (é filha dumha emigrante espanhola no Brasil). E foi quando o falso inspector volvéra-se amável de mais e espetára-lhe: *«Es una pena echar de España a una chica tan guapa»* e garantiu-lhe que nom lhe ia passar nada e ato seguido tumbou-se na camilha e pediu-lhe umha **massagem terapéutica e que se vistiera com lençaria sexi e,** pese ás suas negativas, **que lhe figera gratis um serviço.** Para colmo ao dia seguiente, o *“cliente”* enviara-lhe um wasap: *«Hoy me he levantado con la espalda como nueva».*

Nom é este o único caso onde há implicados em situaçom delituosas membros da Garda Civil. Longa seria a listagem de ter conhecemento de todas elas, mas só por curiosidade figem umha rápida busca na rede dos sucessos na última semana e atopei, além deste caso, estoutros:

– Detenido un guardia civil de A Coruña en la reserva por robar a narcotraficantes. En la operación también han sido arrestados otros tres agentes, dos de ellos en activo, un vigilante de seguridad y dos empresarios. 16/09/2016

– Un guardia civil y un médico, implicados en una red de dopaje en el deporte. 18/09/2016

Tamém no mês de julho passado saltara á luz o caso dum sargento da benemérita de Murcia que violou repetidamente umha subalterna quem ficou grávida e obrigou-na a abortar.

Um caso que deixa em evidência as palavras do coronel jefe da Garda Civil de Ponte-Vedra“*somos los primeros que cuando alguien, presuntamente, comete una irresponsabilidad, actuamos y no lo tapamos”*, dado que a mulher, destinada na unidade de violência de género, chegara a retirar várias denúncias por medo ás represálias dos seus jefes ou de que nom lhe creram.

O acoso reiterado durou quatro anos até março de 2015 quando a mulher tivera que pedir a baixa por problemas psicológicos derivados da situaçom e denunciara o caso. Segundo o juiz:*“as vivências de terror e a reiteraçom de ofensas levaram á garda a um trastorno psicológico complejo e grave*” e os feitos merecem ser qualificados como delito de abuso de autoridade na sua modalidade de trato degradante ou inumano em concurrência com outro contra a liberdade e indemnidade sexuais em concurso com lesons psíquicas graves e maltrato. Pese a isso o julgado limitou-se a retirar-lhe o passaporte ao acusado, que fica em liberdade com cargos.

[A Guarda] Atacan con pintura o restaurante Casa Olga, famoso polas apoloxías fascistas da propietaria

*Nova elaborada por **Disnomia** para **Abordaxe!***

Segundo informaron medios "alternativos" coma o Sermos Galiza, esta noite descoñecidas visitaron e atacaron con pintura de cor rosa o restaurante Casa Olga (A Guarda), que dende fai algún tempo (e especialmente nesta última semana) é famoso nas redes sociais polas continuas apoloxías franquistas feitas pola súa propietaria, que polo visto gosta moito de sacar a relucir "vellas glorias" entonando o "Cara al sol" e ondeando bandeiras e simboloxía fascista durante comidas e cenas no seu establecemento, cuxas paredes están ademáis cubertas de adornos relacionados co enaltecemento do réxime de terror do ditador Francisco Franco.As descoñecidas visitantes deixaron ademáis unha pintada, tamén de cor rosa, que berraba *"1936-2016 Galiza nom esquece"*.

Cómpre lembrar as declaracións de Fernando Souto, presidente da Comisión pola Recuperación da Memoria Histórica da Comarca da Coruña, e das que o Sermos tamén se facía eco recentemente noutra nova, nas que lamentaba que a Lei de Memoria Histórica non faga alusión ningunha ás expresións públicas ou privadas que enaltezcan o franquismo. A nós non nos sorprende, sabemos que o Fascismo e a Democracia son dúas caras da mesma moeda, son o pao e a zenoura cos que o sistema capitalista perpetúa o seu dominio, alternando o totalitarismo coa "permisividade" e a represión máis sutil (pero igualmente atroz).

O propio Fernando Souto engadía na súa declaración a seguinte pregunta: *"Que imos agardar dun Estado no que a Fundación Francisco Franco é legal e no que a Falange se presenta ás eleccións?"*. Nós respostamos, non agardamos nada. Son moitos os exemplos nos que a permisividade do Estado español con respecto a elementos fascistas foi absoluta. O fascismo non se combate nas furnas nin se combate nos parlamentos, combátese na rúa, coa acción directa e a intransixencia coma ferramentas.





[EUA] "Benvidos ao fin do mundo" (sobre as revoltas contra os asasinatos policiais racistas en Charlotte)

Fai un par de semanas aproximadamente, Keith Lamont Scott, un home negro de 43 anos, era asasinado a sangue frío en EUA a mans da policía, desta volta en Charlotte (Carolina do Norte), centro financieiro cuxos suburbios son escenario dunha gran estratificación social. O asasinato foi respostado na rúa con velatorios e bágoas, pero tamén con disturbios. Na segunda noite de protestas, Justin Carr, un rapaz negro de 26 anos, foi asasinado tamén dun disparo na cabeza a mans da policía. Isto foi como querer apagar o lume con gasolina. A revolta non só se extendeu ao resto da metrópole, tamén aumentou a súa crudeza e adoptou novas perspectivas no que respecta á súa duración e posibilidades.

Segue a continuación o texto "Benvidos ao fin do mundo" acerca deste proceso insurrecional aberto en Charlotte e que tamén serve como crónica dos feitos.

*Tirado en castelán de La Rebelión de las Palabras (que traduce do inglés publicado en It's Going Down, portal anarquista que ofrece cobertura informativa do que acontece nos EUA e en Canadá) e traducido ao galego por **Disnomia** para Abordaxe!.*

Nada pode pechar a xanela do descontento masivo aberta pola revolta en Ferguson. A interminable marea de críticas dirixidas contra o movemento insurrecional, os pacificadores da esquerda e das organizacións "comunitarias", a Garda Nacional e o rexurdimento das bases fascistas foron unha estrutura de staccato para as rebelións, pero ata agora fallaron en esmagalas completamente. Ningunha falsidade pode reverter os efectos intoxicantes da verdade.

Ninguén pode dubidar da absoluta claridade estratéxica dos insurxentes do 20 de setembro, quen rompeu cos demenciais delirios aos que millóns se aferran e sobre os cales lles privan das habilidades básicas de enfrontamento á luz de execucións policiais racistas. Nun belo e creativo desenvolvemento dunha táctica común desde os últimos dous anos de revolta, lanzáronse sobre a I-85, saquearon os contidos de semi-camións estancados e queimáronos no medio da interestatal.

21 DE SETEMBRO – DÍA 2

Na segunda noite de desorde, levou só 30 minutos desenmascarar a polarización ética apontoando todo o movemento de Black Lives Matter*. O que é comunmente descrito como un movemento é, en realidade, polo menos dous. Incluso isto é unha simplificación. A estrutura capilar de poder probablemente produciu 5, 10, 20 bases de reagrupación e transformacións afectivas, todas baixo os mesmos eslóganes. En calquera caso, está claro que hai forzas investidas na re-estruturación amigable coa policía ao redor da formación para a diversidade, as acusacións, as cámaras corporais, as Xuntas de revisión, etc. Estas faccións – das cales os "capítulos" organizados da BLM, os grupos esquerdistas, as igrexas, as organizacións estudantís, e os "aliados brancos", máis ou menos compoñen a base – son as obvias tendencias revisionistas nunha secuencia histórica aberta por proletarixs negrxs insurrecionais, anarquistas, grupos comunistas, bandas rueiras e elementos furiosos da clase traballadora.

Só ás 19:00 da noite do 21 de setembro, 600 marcharon a unha igrexa no centro de Charlotte. Tan pronto os rezos comezaron, mocidade encapuchada na multitude interrompeu. *"Que se foda esta merda de Jesús!"*, berraron. Unha demarcación clara foi feita entre os elementos que querían a noite para continuar a desorde da noite anterior e aquelxs tentando impedirlles chegar a ese limiar. A maioría da multitude perseguiu á policía. Un pequeno grupo de policías buscou refuxio no Hotel Omni, o cal foi atacado. Justin Carr, un manifestante, foi disparado na cabeza. O sangue salpicou ao longo da beirarrúa. A situación cambiara. Miles saquearon a tenda dos NC Hornets** xusto ao dobrar a esquina. Unha tenda de produtos básicos, unha bocatería.

----

*Recibimos mensaxes de que alguén foi disparado no Hotel Omni. Aparcamos e corremos cara á manifestación. En canto recuperamos o alento, gas lacrimóxeno é disparado á multitude. Granadas de choque estoupan aos nosos pés. Á miña esquerda e a miña dereita, xente encapuchada está a patear e arroxando de volta os botes de gas que viran no chan. Púxenme unha camiseta sobre a miña cara. Centos de persoas están a saltar e aplaudindo, unhas poucas están tosendo. Un home novo con tatuaxes por todo o seu torso e as súas mans mírame e di, a través da súa máscara, **"Este é!, benvido ao fin do mundo!"**. Fronte a min, unha nube xigante de gas lacrimóxeno apenas oculta un muro de policías con equipo antidisturbios.*

Durante unha hora a multitude controlou as rúas ao redor do Epicentro, utilizando as barricadas da policía e os colectores para bloquear a estrada. Xs revoltosxs metodicamente destruíron a chapa e as xanelas do Hotel Hyatt e doutros

negocios máis nese tempo, mentres que as barricadas foron deixadas indefensas. Cubos de lixo foron incendiados e coches de policía foron rebentados con martelos. Os elementos na multitude atacaron coches aleatorios, mentres outros fumaban herba e rapeaban o agora famoso *"Fuck the Police"* de Lil' Boosie, o himno do movemento.

Cando a liña de policías antidisturbios finalmente achegouse á multitude, baixo unha granizada de pedras e algúns fogos artificiais, empezaron a disparar máis gas lacrimóxeno e balas de goma. A multitude dividiuse en polo menos dúas seccións, participando no vandalismo e o saqueo onde fose posible durante o resto da noite.

Un mozo está a agonizar mentres o seu amigo dá uns toques nos seus ollos cunha sudadeira para deter o ardor. Collo a botella de auga de alguén, fago un buraco no tapón e enxaugo os seus ollos. Aparece de novo en pé, colle algo do seu peto e berra, ***"Quen sabe como tirar do pasador dunha granada?"*** *antes de lanzar unha das granadas de contusión da policía de volta ao cordón de policías en moto.* ***"Si, nós tamén temos desa merda!".*** *Despois dalgunhas pedradas máis lárganse en moto. A multitude aplaude.*

ESTÁSE VINDO ABAIXO EN UPTOWN

O disparo a Keith Scott ocorreu nunha área de North Charlotte, lonxe do acio de torres financeiras e potencias económicas polo que Charlotte é ben coñecida. É notable observar que a revolta do mércores ocorreu no propio corazón de Charlotte e que as manifestacións que seguiron continúan ocorrendo nesa área. Isto as diferenza dos disturbios que recentemente tiveron lugar en Milwaukee. Na segunda noite de disturbios en Sherman Park (Milwaukee) case todos os negocios na zona ou ben foran queimados, ou saqueados, ou esnaquizados cos únicos obxectivos inmediatos da policía e os medios. En Uptown Charlotte todo estaba alí para ser destruído, mesmo o Museo de Nascar.

Por suposto o feito de que a revolta tivese lugar nun importante centro financeiro tamén significou que houbese diferentes límites. A maioría de centros urbanos foron totalmente renovados para atoparse coas novas demandas de contrainsurxencia que seguiron á última gran onda de rebelións na década de 1960. Todo o que pode ser atornillado se atornilla, as cámaras están por todas partes, e a xente é canalizada á perfección a través da infraestrutura "intelixente" entre variadas empresas e corredores comerciais. Ao longo da noite, a escaseza de proxectís dificultou defenderse contra as incursións da policía. De feito, sen persoas con experiencia táctica, puido non haber case ningún proxectil. Isto demostrou ser un gran obstáculo cara o final da noite cando unha barricada non foi defendida e un número relativamente pequeno de policías antidisturbios nun carriño de golf blindado foron capaces de dispersar a un grupo moito maior de loitadorxs que foron incapaces de aparecer con algo co que combatelos. O carriño de golf foi unha importante vantaxe material para a policía, que puido usalo para transportar policías antidisturbios moi rapidamente. Xogou un papel crave en romper a unha multitude que estivera movéndose xunta durante horas. Deulles unha dimensión móbil que non está tipicamente asociada co control de disturbios nos Estados Unidos, pero que é a norma en lugares como Grecia ou Cataluña. Desenvolvementos como este deben ser contrarrestados no futuro. Cara a ese final, enviamos: Eses carriños de golf son como calquera outro, teñen pneumáticos normais que poden ser picados e non teñen xanelas nin portas, deixando aos ocupantes vulnerables ao ataque. Están equipados cun canón de ruído alto e caben ata 5 policías antidisturbios totalmente equipados (se 1 ou 2 póñense detrás).

RÁPIDAMENTE, EN DINÁMICAS INTERNAS DA MULTITUDE

Na noite do 21, a multitude parecía estar case enteiramente unificada no seu obxectivo: Ocupar espazos fóra do control policial e saquear e destruír todo o que houbese neles. Con Uptown Charlotte sendo máis nada que un glorificado distrito comercial, realmente non había nada que perder. Tan só fixeron falta unhas poucas granadas de choque para enviar aos pacificadores correndo de volta a casa pola noite. Os reventadores de xanelas poderían agardar aplausos para acompañar a súa coraxe. Centos de persoas estiveron a se axudar unhas a outras a enmascararse, a prender lume a cousas, a devolver os botes de gas a patadas, a facer proxectís, e a manterse a salvo da policía. Con todo, as hostilidades non foron soamente dirixidas á policía ou á propiedade, e facer fincapé nas dinámicas "raciais" dentro e fóra da multitude é de gran importancia estratéxica.

1. Os revoltosos brancos foron máis ou menos aceptados pola multitude maioritariamente negra, como tamén foi o caso en Milwaukee. Como un participante influente declarou tras ver a algunhas persoas brancas participando nos disturbios, *"esta noite todo o mundo é negro".*

2. Motoristas brancos foron sometidos a unha especie de "contrasinal", pedíndolles que levantasen os seus puños e declarasen que "Black lives matter" (As vidas das negras importan). Para aqueles que se negaron, os seus vehículos foron rebentados ou pisoteados. Isto ocorreulle ocasionalmente a motoristas negros tamén, suxerindo unha corrente antisocial xeral na multitude, pero a tendencia xeral era a ordenar "racialmente" a situación.

   Isto principalmente estivo a ocorrer cando non había nada ao que prender lume, nin policía, nin xanelas que romper.

3. Polo tanto, parece que a "raza" foi usada como un vector para a determinación da ética.

Estivemos mantendo a intersección polo Hyatt durante ao redor dunha hora, prendendo lumes e destruíndo o hotel. Dous nenos encapuchados empezan a mover un gran anaco de cemento dentro da multitude para que puidese ser esnaquizado en proxectís que usar contra a carga policial que parece inminente. Unha muller empeza a berrar a ninguén en particular que ***"esa xente branca non está connosco e necesitan marcharse".*** *Ela achégase e empuxa o anaco de cemento fóra das súas mans. Un gran grupo ve isto e anima aos nenos para devolver o cemento. Mentres segue berrando que o deixen, un home negro colle o anaco de cemento el mesmo e empeza a rompelo. A policía lanza gas lacrimóxeno e despexa a zona.*

A NECESIDADE DA FESTA

A policía antidisturbios carga pola rampla de saída cara ao noso bloqueo da autoestrada. Todo o mundo empeza a trepar un outeiro cara ao que criamos que estaba a rúa, pero en realidade é unha estación de tren lixeiro. Finalmente temos pedras dabondo e lanzamos ducias desde a ponte aos policías que están debaixo. Un deles debe ter boa puntería porque unhas poucas latas de gas lacrimóxeno aterran sobre a ponte. Movémonos a través dun hotel, baixamos varios tramos de escaleiras e volvemos á rúa. As xanelas caen en todas partes. Un 7-11 está a ser saqueado. Pedras arroxadas aos policías montados en bicicleta fallan e rompen xanelas tras eles. ***"Rompede esa merda, rompede esa merda!",*** *alguén berra a pleno pulmón mentres alcanzamos a cima do outeiro e vemos o vestíbulo brillantemente iluminado dun Bank of America. O bloque enteiro é destruído. A policía está máis decidida a dispersarnos agora e nós mesmos estamos un pouco nerviosos. Estivemos mantendo o espazo ben durante unhas horas pero a nosa habilidade para facer isto estase volvendo limitada.*

O 22 de setembro, 3 días despois do disparo a Keith Scott, outra manifestación foi programada para ter lugar en Uptown Charlotte. Os arrestados da noite anterior seguían encerrados, segundo informouse a petición da Garda Nacional. O congresista Robert Pittenger conta ás noticias que todos os manifestantes odian á xente branca *"porque a xente branca ten éxito"*. As axencias de noticias de dereitas fabrican e esaxeran tensións "raciais" que foron mínimas ou inexistentes. As personalidades da esquerda deliberadamente e de forma inxenua renden a axencia á policía, reposicionando á parte insurxente como un mero movemento de protesta vergonzosamente victimizado por un inimigo excesivamente militarizado.

Centos reuníronse e conseguiron cortar brevemente a I-277. A policía lanzou gas lacrimóxeno e balas de goma á multitude. Clérigos, avogados, esquerdistas e outros usaron forza física e intimidación para asegurar a relativa docilidade da multitude, ás veces empuxando e expulsando á xente encapuchada, lanzando botellas ou mesmo insultando á policía. Aquí, contra-revolucionarixs, reacionarixs, pacifistas e reformistas agardan superar tácticamente a insurrección e esmagar o seu horizonte revolucionario. Isto debería ser imposible.

Os poderes e ritmos experimentais que están a dividir América, expoñéndoa á incerteza e a transformación, deben compoñerse a si mesmos nun plano de consistencia. Debería haber o espazo e o tempo establecidos para atoparse e discutir. Necesitamos igrexas, parques, emisoras de radio, casas colectivas, centros, negocios, ou calquera lugar que poida acoller un evento público para combater a idiotez dxs reformistas e da policía. Quizais un grupo de falsa fronte organizativa podería facer unha declaración en negrita á prensa chamando a formas máis profundas e audaces de desorde. Quizais unha pequena banda de xente dedicada podería estender a imaxinación dxs alborotadorxs cunha interrupción oportuna da estación de noticias – como ocorreu durante a insurreción grega de 2008 – ou cunha "flashmob"*** altamente destrutiva poderían renegociar a correlación de forzas para a semana que vén. É demasiado imposible imaxinar un colectivo de herbalistas e estudantes de acupuntura organizando unha clínica temporal, anunciando tratamentos para o gas lacrimóxeno, para o spray de pementa, para as balas de goma? Que complexo de apartamentos recentemente desafiuzado podería ser okupado e transformado nun laboratorio de potencial revolucionario? Estas habilidades, poderes, capacidades e ferramentas non se desenvolven da noite para a mañá.

Está claro que algo está a medrar entre o bloqueo de Non Dakota Access Pipeline, a folga nacional en marcha nas prisións e os movementos e levantamentos contra os asasinatos policiais por motivos raciais. Houbo unha gran explosión de enerxía protesta desde o de Ferguson, e especialmente desde o comezo deste ano. Debemos continuar elaborando e intensificando o proceso insurreccional, construír o que podamos, onde podamos e rebentar o que estea dentro do noso alcance. Vivindo e loitando xuntos.

Os poderes establecidos na descomposición dos seus aparellos deben facerse irreversibles, ou xurdirán novos controis os cales serán menos atacables, máis escuros, máis resistentes. Xs máis dedicadxs non podemos satisfacernos a nós mesmxs só con disturbios.

A verdade está na revolta.

D.E.P. Keith Lamont Scott e Justin Carr

INTERNACIONAL DE AXITADORXS
Setembro 2016
—

Notas de traducción de La Rebelión de las Palabras:

* Black Lives Matter (As Vidas das Negras Importan) é un movemento informal xurdido en EE.UU. tras as revoltas polo asasinato policial dun rapaz negro en Ferguson e que ten como obxectivo combater desde distintos enfoques a impunidade da policía para asasinar poboación negra (especialmente de estratos sociais pobres) e a maquinaria racista do sistema.

** Os NC Hornets son o equipo de baloncesto da NBA da zona de North Charlotte.

*** Flashmob é un concepto que se usa para designar un tipo de acción (non necesariamente de contido político) e na que un grupo de persoas reúnese, realiza de maneira repentina algún acto inusual e escandaloso (non necesariamente ilegal) e acto seguido dispérsanse. Ten como fin xerar desconcerto e a súa motivación pode ser desde lúdica ata reivindicativa. Foi adoptado como táctica por varios movementos políticos para sementar o caos ou para atacar obxectivos puntuais de forma rápida e espontánea, así como tamén para simplemente perturbar ou alterar a orde da cidade, dun centro de produción ou consumo ou dun evento determinado.

Primeiro caso de obxección electoral aceptado no Estado español

*Hoxe soubemos do primeiro caso de obxección electoral aceptado no Estado español. Trátase de **Amparo Rodríguez**, unha veciña do Barco de Valdeorras que a xunta electoral de zona admitiu como eximinte. Amparo púxose en contacto con este medio para remitirnos o contido da súa alegación e un comunicado:*

O domingo 4 de setembro de 2016 cando cheguei a miña casa no Barco de Valdeorras (Ourense), despois dunha fin de semana na praia, atopeime unha carta enriba da mesa na que puña que estaba obrigada a presentarme na mesa electoral como primeira suplente de vocal para as eleccións de Galiza do 25 de setembro de 2016, **baixo a ameaza de "pena de prisión de tres meses a un ano ou multa de seis a vintecatro meses" por cometer un delito.**

Ademais tamén dicían que tiña 7 días para presentar alegacións. O máis curioso é que a notificación tiña data de 29 de agosto de 2016 aínda que fora entregada ao meu compañeiro de piso o día 1 de setembreo de 2016. Por tanto, tiña soamente un día para presentar alegacións xa que o día 5 remataba o prazo.

Así que púxenme a iso: metínme en internet e atopei dúas plataformas (**Des-censo electoral e o Grupo Antimilitarista Tortuga**) que aportan moita información relacionada con a obxección de conciencia no ámbito electoral. Procurei na súa web información e atopei cartas de persoas que xa tiñan sido obxectoras en eleccións pasadas, ademais púxenme en contacto con eles para que me asesorasen e comunicarlles a miña decisión. Recibín resposta inmediata e estiveron super-pendentes de todo o proceso durante estes días.

De todas as cartas que atopei elexín unha coa que me sentía máis identificada, e fixen unhas pequenas modificacións e o luns a entreguei na xunta electoral de zona.

A miña sorpresa foi ao día seguinte, cando me chamaron para dicirme que pasara pola xunta electoral a recoller a resposta. E nela dicíanme que decidiran aceptar a miña "escusa" por estar debidamente xustificada.

Eu tiven a sorte de que a miña alegación foi aceptada e, por tanto, non estou cometendo un delito, pero outras moitas persoas, que o fixeron antes que eu e aos que non lles aceptaron a alegación presentada, sí que o están a cometer. E non podo entendélo. Non podo comprender que nunha democracia, como din que é, supoña un delito non participar nas eleccións. Porque hai que deixar claro que o feito de que eu non participe non afecta a que o fagan os demais. Por iso, reclamo que se permita que unha persoa que non cre neste sistema e que non quere participar nel poida facelo e non signifique un delito.

Por todo isto, animo a todas as persoas que están en desacordo con este sistema, que loitan día a día contra o capital, contra esta falsa democracia, que non queren participar do sistema nin votando nin sentándose nunha mesa electoral, a que fagan o mesmo, que se declaren obxectores de conciencia, que loiten, porque paso a paso facemos o camiño.

Por outro lado, gustaríame recoñecer o traballo da persoa da xunta electoral de O Barco que entende, ao igual que eu e outras moitas persoas, que a obxección electoral é unha causa totalmente xustificada para non ter que formar parte dunha mesa electoral. E, ademais, quero agradecerllo.

Un Saúdo



Historia

U.H.P.

«UNIÓN DE HERMANOS PROLETARIOS»

A emblemática consigna UHP sería aos poucos adoptada durante a Guerra Civil como proclama do bando antifranquista como sinal de unidade da clase traballadora. Aínda que xurdiu de forma espontánea anos antes entre as bases obreiras referíndose ás palabras que figuraban nas placas de boa parte da maquinaria, de orixe inglesa, utilizada nas fábricas: Horse Power (Cabalos de vapor). Desta forma expresaban a súa irmandade como operarios utilizando unhas palabras que non comprendían, Unión Horse Power, UHP. Máis adiante, a instancias de distintas organizacións rebautizaríase o popular slogan co xa coñecido «Unión de Hermanos Proletarios» ou «Uníos, Hermanos Proletarios».

Pero cando verdadeiramente a consígna converteríase en símbolo obreiro sería tras a súa utilización colectiva entre os insurrectos asturianos durante o levantamento de outubro do 34. Nas eleccións de novembro de 1933, durante o período republicano, prodúcese un importante triunfo das forzas dereitistas, que se manifesta coa entrada no goberno de Lerroux da ultraconservadora CEDA, Confederación Española de Dereitas Autónomas. Esta circunstancia, xunto co ascenso dos fascismos en Europa e a crecente actividade de Falanxe en España provoca unha viraxe das forzas de esquerda cara á vía insurreccional, unha vez considerada fracasada a estratexia electoralista. Xa en decembro do 33, os anarquistas e a CNT tentan un levantamento revolucionario que é sufocado ante a falta de apoio doutras forzas obreiras. En outubro, desde as filas socialistas convócase unha folga xeral revolucionaria que durará desde o día 5 ata o 19.

A folga non conseguirá transformarse en insurrección no resto de España, pero será en Asturias onde se tornará en verdadeira revolución baixo o paraugas da consigna de UHP. Os mineiros asturianos están ben organizados des de hai tempo e contan cun importante arsenal oculto de armas e dinamita. O mesmo día 5 practicamente toda a conca mineira está baixo control obreiro. En Oviedo e Mieres declárase a república socialista e no barrio do Chairo, en Xixón, e a comarca de Langreo, sobre todo na Felguera, proclámase o comunismo libertario, mentres os traballadores metalúrxicos de Duro-Felguera blindan vehículos para o enfrontamento. Un exército de 30.000 proletarios plantexa mesmo marchar sobre Madrid. O goberno declara a situación como unha auténtica Guerra Civil e manda a sufocala a dous dos máis duros xenerais republicanos: Goded e un mozo Francisco Franco. Para sufocar a revolta non se escatiman esforzos e mobilízase aos rexementos máis sanguentos, a Lexión e os regulares de Marrocos.

Finalmente, tras duros enfrontamentos, a insurrección é sufocada tras quince días de levantamento. A posterior represión será brutal, incluídos numerosos casos de torturas, violacións e saqueos contra as familias dos obreiros. Polo menos 2000 traballadores morreron, así como uns 300 efectivos do exército e da Garda Civil, e miles deles serán encarcerados. Oviedo quedou totalmente destruido. As noticias sobre o levantamento foron censuradas para evitar ningún efecto de contaxio.

A pesar de todo, a xa coñecida como Revolución de Asturias converteríase nun ícono para o proletariado revolucionario internacional ao nivel da Comuna de París, e sen dúbida un preludio do que estaba por vir. Ben aprendida a lección de Asturias, entre conservadores, igrexa e exército comeza a fraguarse unha resposta contundente. A Guerra Civil está xa en marcha.

Revista Contrahistoria



Abstençom 817.702 – PPdeG 676.676 (som só resultados provisórios; porque os definitivos afundarám na fenda)

Por ***O gajeiro na gávea***

A falha de computar os votos do Censo Eleitoral de Residentes Ausentes (CERA), **a abstençom optem 141.026 apoios mais que o PPdeG,** a força partidista á que todos os falsimédias e participantes da carreira eleitoral reconhecem e dam como gram vencedora na contenda de ontem.Se bem os dados oficiais oferecidos até agora, além de provisórios tenhem algum erro, pois a suma de abstençons e votos emitidos dá umha suma que supom 177 eleitoras de mais que, na minha valoraçom destes resultados e como gesto de generosidade, opto por restar-lhos a abstençom; com o que, ainda assim, o resultado provisional daria a **abstençom 140.849 apoios mais que ao PPdeG.**

Mas esta diferência tende ao abismo se temos em conta os dados de participaçom que conhecemos do CERA (censo no que a dia de hoje figuram registradas **446.269 galegas,** que supom representar já ao **16,1% do eleitorado galego**; a meirande proporçom da história). E assim **nas eleiçons de ontem só solicitarom o voto 17.871 pessoas, o 4% do CERA.** Com o que, mesmo dando por feito que todas quantas pediram o voto, foram depois deposita-lo nas urnas ubicadas nas embaixadas e consulados, haveria umha **abstençom mínima de 1.245.923 pessoas!!** o **46'11%** do eleitorado chamado ás urnas; e mesmo situándo-me no hipotético caso de que todos esses votos rogados fossem parar o **PPdeG,** este obteria um **máximo** de **694.547 votos**; o que é o mesmo **551.376 apoios menos que a abstençom.**

E já para rematar esta minha analise, dizer que **do total de votantes residentes na Galiza, o PPdeG obtem só um 30% do total** (nem sequer 1 de cada 3 pessoas com direito a voto) e se temos em conta o **CERA**, mesmo com as condiçons mais vantajosas para o PPdeG, como muito o voto a esta opçom representará um 25'7%, ou seja só **1 de cada 4 pessoas com direito a voto, deu-lhe a maioria absoluta a esta opçom partidista, ou o que é o mesmo, 3 de cada 4 galegas com direito a voto nom optou por este governo maioritário do PPdeG.**

Onde fica entom isso que chamades democracia representativa??

Como se come isso de que umha opçom que recebe só o apoio do 25% do censo total, pode governar com maioria absoluta e fazer o que lhe pete??

O chamam democracia e nom o é!! Oé, oé, oé,...



Cisne negro

Relatos de um anarco-individualista num mundo autoritário.

Por ***J.***

Quantas vezes você, meu amigo anarquista, ja não ouviu em foruns, plenárias, reuniões ou em simples encontros anarquistas as seguintes frases:

“Precisamos nos organizar!”

“Devemos ser combativos!”

“Somos responsáveis por fazer a revolução!”

A todos esses eu diria NÃO. A esses e a todos que usam esse tipo de premissa imperativa, onde o interlocutor não usa absolutamente nada a não ser SUA PRÓPRIA visão de mundo para decidir que mundo é o ideal e que ações devemos tomar para um dia talvez alcança-lo.

Quer se organizar meu amigo? Organize-se! Mas encontre pessoas num círculo de afinidade e que tenham a mesma visão de organização e os mesmos objetivos que você. Simplesmente pare de tentar convencer os outros da SUA idéia de organização e lembre-se que nenhuma idéia pode ser imutavel, que sua idéia não é uma rocha.

Quer ser combativa minha amiga? Seja! Mas ao invés de saliva autoritaria, gaste seus coquetéis molotov na policia. Faça-os recuar quando estiverem vindo para a repressão. Convença as pessoas através de exemplos e não com seus malabarismos retoricos. Não chame para a linha de frente quem não tem a menor condição de segurar a onda.

Quer fazer revolução meu caro? Faça! Faça a sua revolução. Não se prenda a revoluções dos livros de historia, pois essas ja não cabem mais no mundo de hoje. Ou ao menos respeite quem pensa que esse tipo de revolução não funciona mais, assim como respeitaremos você.

Que mundo ideal pode ser proposto por uma unica pessoa ou grupo?

Que pessoa ou grupo seria capaz de idealizar esse mundo ideal COMUM A TODOS?

Fechados em nossos clubinhos tudo parece lindo quando vestimos o mundo de preto. Só que a relidade vai muito além do que alcançam nossos olhos e nossas mentes. Sempre haverá um cisne negro no meio de um milhão de cisnes brancos, para jogar por terra todas as nossas teorias e achismos.

Com essa fundamentação básica, gostaria de trazer a tona o que considero ser o principio basico da organização: A LIVRE ASSOCIAÇÃO.

Muitos pensarão: Ah mas isso é óbvio.

Talvez em nossas cabeças isso seja óbvio, mas seria tão óbvio assim na pratica?

Se é óbvio, porque continuamos vendo grupos anarquistas imporem suas visões de mundo a outros?

Porque continuamos vendo pessoas serem convencidas da visão de mundo de outras pessoas dentro deste grupo?

Porque continuamos vendo surgirem grupos anarquistas propondo sua própria revolução e esquecendo de combinar com o povo?

Sairemos algum dia de nossos castelos?

Pois bem, dito isso passamos ao proximo ponto: Organizar-se ou não?

A resposta para essa pergunta é sim e não.

SIM quando o individuo sente a necessidade de se organizar com outros individuos a fim de somar esforços para um objetivo maior.

NÃO quando um individuo ou grupo convence outro individuo ou grupo a organizar-se. Pois nesses casos a questão maior não é realizar objetivos e sim uma disputa ou mostra de poder apenas. “Somos grandes e organizados, portanto seremos nós os porta-vozes da revolução”

A esse segundo grupo, meu sincero FODA-SE.

A conquista diária da minha liberdade, por mais limitada que seja, jamais será atravessada por questões pessoais de outro(s) individuo(s).

Essa conquista é meu bem mais precioso e me agarrarei a ela com unhas e dentes.

Simplesmente não me diga o que eu devo fazer.

Faça! Faça você mesmo 10 vezes se achar necessário.

Seja você o exemplo do que quer para o mundo, pois se sua idéia for realmente genial, seu exemplo será automaticamente seguido e assim você poderá, pular toda a parte do malabarismo retorico que você faz pra tentar convencer os outros em suas reuniões secretas.

Consta ai então, uma breve defesa do individualismo como fator essencial para qualquer tipo de organização ou ação não-autoritaria e condizente com o mundo libertário.

Lembre-se que mesmo sendo pobre, talvez não seja negro.

Que mesmo sendo indio, talvez não seja mulher.

Que mesmo sendo gay, talvez não seja trans.

Não é a quantidade ou a falta de privilégios que irá fazer com que o mundo perfeito seja igual para todos.

Ja parou pra pensar que talvez eu não queira o seu mundo ideal para mim?

O mundo perfeito será sempre apenas o NOSSO PROPRIO mundinho perfeito.

Por isso jamais diga para mim qual seria o meu mundo perfeito. Você nunca saberá.

O nosso trabalho individual consiste em acordar em nós mesmos o cisne negro que existe dentro de nós.

Talvez um dia, quem sabe, quando os cisnes negros forem muitos, a revolução terá acontecido e sequer termos nos dado conta.

O caixeiro pintado: A Memoria Fiscal 2016 e unha volta máis de porca no caixón de xastre do "terrorismo anarquista"

Artigo de ***Disnomia***

En agosto do ano pasado, dentro dunha campaña a nivel estatal de solidariedade coas presas anarquistas, recibíamos e dábamos pulo en Abordaxe a un comunicado que reivindicaba unha acción de sabotaxe simple contra varios caixeiros de oficinas do Banco Santander na cidade de Pontevedra na que 4 caixeiros foron inutilizados pintando de negro a pantalla con sprays de pintura. As autoras da acción falaban no comunicado de que o motivo para escoller ao Banco Santander era atacalos por lucrarse co diñeiro dos peculios nas prisións (son a única entidade xestora de dito diñeiro nos cárceres españois).

Aínda que non son eu moito de xerarquizar uns métodos sobre outros e aínda que entendo os ritmos e outras diferencias a ter en conta á hora de valorar a implicación ou a envergadura dunha determinada acción ou das persoas que a levan a cabo, paréceme evidente que a importancia dunha acción coma esta é bastante escasa máis alá do significado simbólico dentro dunha convocatoria concreta. De feito, nin a propia prensa comercial local ou a nivel galego fixeron eco deste acto.

Con todo, quenes sí decidiron facerse eco da acción para a sorpresa de moitas foi a Fiscalía Xeral do Estado, que na súa Memoria Fiscal do ano 2016 (que se pode consultar premendo aquí) correspondente aos acontecementos, mudanzas lexislativas e outros eventos reseñables do ano anterior, 2015, recolle esta acción na páxina 303 tipificándoa como **"acción terrorista"** (!!!).

Outras accións ás que fai referencia son a suposta localización de 3 presuntos "*cócteles molotov*" fabricados con latas de Coca Cola (???) atopados nun colexio de Córdoba e que se describen textualmente como "*latas de Coca Cola con algún tipo de sustancia y con mecha*", os incidentes durante o transcurso da manifestación en Barcelona o 13 de xullo de 2015 en solidariedade cxs compañeirxs anarquistas detidxs nas últimas operacións, un ataque incendiario contra un caixeiro en Porceyo, Asturies, o 27 de setembro de 2015, ou dous ataques incendiarios contra establecementos da empresa Corte Inglés en Barcelona e Madrid (en concreto o ataque incendiario ao cadro eléctrico dun supermercado Opencor no barrio de Les Corts en Barcelona reivindicado en solidariedade cxs anarquistas acusadxs polos ataques ao Corte Inglés na greve do 29 de marzo de 2012 nun comunicado difundido pola rede, e outro ataque non reivindicado pero que na Memoria Fiscal descríbese como *"una botella de plástico con 2 litros de un líquido de color claro y un bote, de los usados para llevar café de los establecimientos de comida rápida con una mecha de color blanca insertada, de las usadas para prender petardos"* que tería sido atopada, sen estoupar, na caixa distribuidora do cableado eléctrico dun supermercado "Supercor Express" na rúa María Barrientos de Madrid o 14 de decembro do 2015).

A verdade, non sei de que me sorprendo. Que pintar un caixeiro, facer unha pintada ou escachar un cristal sexa para a Fiscalía Xeral do Estado comparable en canto a envergadura e definición a un ataque incendiario ou explosivo non debería sorprendernos cando hai persoas que sufriron acusacións de terrorismo por publicar segundo que cousas nas redes sociais ou por visitar ás compañeiras presas e manter contacto con elas. Sen embargo a min, persoalmente, o que me chama a atención é a sutileza coa que incorporan ao caixón de sastre do "terrorismo anarquista" (tan en boga dende que comezaron a emular no Estado español estratexias de represión masiva xa vistas antes en Chile ou Italia, e consistentes na criminalización sistemática de entornos políticos antagonistas baseándose na pantasma de supostas "organizacións terroristas" paraugas) calquer molestia, calquer desafío. Antes dicíamos "*Todo é ETA!*", agora tócanos dicir "*Todo é terrorismo!*".

Isto non se escribe, alén do que poida semellar, nun ton victimista. Os tempos non son chegados, e o que se nos achega sen dúbida ningunha son novas fases nesta escalada represiva, que marcarán os termos nos que se desenvolverán os conflictos do mañá e as represalias para as loitadoras que en anos vindeiros osen perturbar a escura orde da dominación. Haberá que estar preparadas...

A única terrorista é a democracia capitalista!!

O castigo patriarcal non protexe ás mulleres

Paz Francés Lecumberri e Diana Restrepo

Publicado en ***tokata.info.***

Dicir que o poder punitivo é un poder claramente patriarcal é case unha perogrullada. En primeiro lugar, porque todos os sistemas que configuran a cultura hexemónica actual son patriarcais, pois o patriarcado non só é un sistema total senón ademais global. En segundo lugar, porque é precisamente o poder punitivo (e a cultura do castigo que lle subxace) o núcleo fundamental da cultura occidental hoxe dominante en case todo o planeta. O patriarcado é unha forma de violencia cultural e estrutural, o cal é evidente en innumerables exemplos, un deles as agresións sexuais a mulleres. Con todo, é precisamente tamén dende esa cultura violenta dende onde se construíu un sistema de castigo cada vez máis perfeccionado por parte do Estado: o Dereito penal e as súas institucións. É dicir, é no sistema patriarcal no que se entende o modelo de xustiza penal que temos e non é casual que sexa así porque é consecuencia do primeiro e está construído ao seu xeito.

Brevemente podemos afirmar que son dous os trazos comúns xerais que unen ao poder punitivo e ao poder patriarcal. O primeiro punto de encontro estaría na súa relación co capitalismo e o segundo no control mediante o medo (á forza, á pena, ao inferno etc) Pero ademais hai outros trazos máis precisos entre o patriarcado e o sistema penal. Estes son, sen deternos en desenvolvelos: o desprezo pola vida (non só de persoas, senón tamén de animais, plantas...), a xeración de servas (vítimas, incapaces, infantilizadas), a utilización amañada das ciencias, o interese na ruptura dos lazos de solidariedade, o fundamento na lóxica dualista (home-muller/boas-malas/criminais-non criminais), a relación entre o concepto culpa da punición e o concepto "es miña" do patriarcado...

En fin, estes son só algúns dos moitos trazos comúns que se poden identificar entre o poder punitivo e o poder patriarcal porque o que en verdade quérese transmitir é que este feito non pode pasar desapercibido para os feminismos. Quen confía no recurso ao sistema penal (ou mesmo piden reformas tendentes ao seu endurecemento e unha redución das garantías) tal e como hoxe está pensado e configurado, non se decatan de que isto implica un risco que para nós é claro: a perpetuación e consolidación dun dos elementos sustentadores máis importantes do patriarcado: o poder e o dereito de castigar.

Tomar consciencia disto non é unha empresa sinxela porque como xa se escribiu por relevantes feministas a dominación propia do patriarcado está feita para parecer un trazo de vida. En definitiva, estamos feitas de orde patriarcal. É máis, de toda a literatura feminista respecto diso só unha muller atreveuse de forma clara a formular esa relación dende a necesidade da abolición das prisións: Angela Davis.

Somos conscientes de que a violencia contra as mulleres é real e moito máis ampla do que se documenta, e de que as mulleres temos que buscar protexernos dela e facerlle fronte. Con todo non é certo que os sistemas penais actuais sirvan para isto e esta é a segunda cuestión que non se ten en consideración. Como amplamente sábese a prisión –e en xeral o sistema penal– critícase porque non cumpre coas funcións que formalmente ten outorgadas –entre elas a da intimidación e a reinserción– e ademais pode ser criticada desde moitas outras perspectivas como son: a falacia da afectación exclusivamente á liberdade, a mitificación das persoas que están en prisión, o seu carácter crimínóxeno, os efectos psicosomáticos da prisión, os fenómenos da victimización secundaria e terciaria, etc., esquecemento das vítimas, os custos do control en detrimento de outras medidas ao delito... e outras tantas cuestións que sería imposible mencionar e traballar en profundidade neste artigo de opinión pero que están aí e fan que a protección á que nos referiamos non sexa real.

E aínda que se cre firmemente o anterior, non implica que non pensemos que as mulleres que hoxe sofren violencia patriarcal non poidan e deban usar todos os instrumentos que teñan ao seu alcance para defenderse, e isto moitas veces incluirá o consello de que poñan denuncias, pidan detencións, etc., pois desafortunadamente nalgúns casos é o único que o Estado e a sociedade ofrece. Pero todo iso debería facerse moi moi conscientes –non tanto por quen denuncia, como polo resto da sociedade–, de que é unha medida insuficiente, moitas veces inútil na práctica e que, sobre todo, non debe facer perder de vista a ilexitimidade do castigo, o seu uso sobre todo –así foi historicamente– en contra das mulleres, e a necesidade urxente de construír unha sociedade non punitiva para precisamente eliminar o patriarcado.

Neste sentido, o concepto de castigo débenos de interpelar a cada unha de nós e en colectivo. Dende aquí exponse a necesidade de sentar as bases para avanzar, desde outros lugares que non sexan o da dominación e o castigo propios do patriarcado, cara a lugares máis xustos. Este debería ser o horizonte se queremos ser coherentes, polo menos, quen vemos nos feminismos unha nova revolución e aspiramos a ter en conta todas as opresións.

Non cuestionar o sistema punitivo, no que se sostén precisamente o patriarcado, senón alentalo e atoparnos nas rúas pedindo máis castigo, é un erro maiúsculo que desde os feminismos non nos podemos permitir se non queremos reforzar o patriarcado mesmo.



Reseñas

«Que ten de malo a enerxía renovable? 10 cousas que as ecoloxistas deben saber sobre a enerxía renovable»

A distribuidora anarquista Polaris ven de editar un novo texto sobre as enerxías renovables. Pódese descargar ou leer esta e outras edicións a través da súa web:

"Que ten de malo a enerxía renovable? 10 cousas que as ecoloxistas deben saber sobre a enerxía renovable" é un texto breve que reúne 10 ideas básicas que apuntan a desmitificar as chamadas enerxías renovables, amosando algunhas das súas contradicións e invitando ás letoras a reflexionar e replantexarse determinadas cuestións.

Cada vez que tentamos poñer sobre a mesa as nocividades implícitas nas denominadas "enerxías renovables" ou "enerxías limpas", atopámonos a miúdo cunha cerrazón estrita ao redor do tema que apela a que as formas tradizoais para producir enerxía, baseadas en combustible fósil, son peores e máis destrutivas, coma se iso resolvese a cuestión e de súpeto non fose importante falar dos problemas que conlevan esas enerxías "ideais" só porque o modelo co que levamos toda a vida (e cuxa única alternativa concebible na visión de túnel de moitas persoas parece ser a enerxía renovable) é peor.

Quen recollímos, traducimos e editamos este texto neste libriño que tes entre as mans somos conscientes de que a dependencia das nosas sociedades con respecto á tecnoloxía e ás infraestruturas que funcionan con distintas formas de enerxía é enorme, xa que especialmente en contornas urbanas (e non só) o abastecemento das nosas necesidades depende enteiramente de redes de produción e transporte que non funcionan con aire. Se eses medios deixasen de funcionar, o impacto sería atroz. Por iso, sabemos que agora mesmo pretender renunciar de súpeto a todo isto só derivaría nunha proliferación de nocividades e nunha gran escaseza. Con todo, non hai que perder de vista o feito de que eses recursos dos que depende a estabilidade deste xeito de vida (que doutra banda a nós parécenos unha auténtica merda inxusta, desigual, cruel e absurda baseada na explotación, a miseria e a opresión) están a esgotarse igualmente, queiramos ou non, e que as únicas "alternativas" que saen á luz están cheas de contradicións e canellóns sen saída dos que parece que é tabú falar sen que alguén resposte de inmediato con que o petróleo contamina máis (e por tanto, a contaminación ou destrución ambiental provocada polas renovables carece de importancia).

Como estamos cansas de atoparnos con este tipo de resposta e falacias dentro mesmo dos propios ámbitos ecoloxistas ou antidesenvolvistas nos que nos movemos (e por suposto fóra deles), decidimos recoller e traducir esta pequena achega, titulada orixinalmente ***"What's wrong with renewable energy? 10 things that environmentalists need to know about renewable energy"*** (Que ten de malo a enerxía renovable? 10 cousas que as ecoloxistas necesitan saber acerca da enerxía renovable), composto de 10 teses breves que tratan de desmitificar, aínda que de forma concisa, as denominadas enerxías renovables, pero non para apoiar con iso de maneira directa ou indirecta aos lobbies petrolíferos ou ás empresas mineiras, senón para propoñer unha terceira vía de debate onde o menos malo non se acepte polo mero feito de existir algo peor. Porque a nós non nos vale máis paxaro en man que cento voando. Queremos que todas sexan libres, queremos ser todas libres. Por suposto, con isto simplemente queremos introducir unha cuestión que nos parece importante lembrar e manter presente e vixente, pero esperamos que novas lecturas e debates ou propostas saian á boia porque somos conscientes de que con estes 10 argumentos non abonda. Non pretendemos sentar cátedra sobre nada, non somos expertas nin queremos converternos en profesionais, simplemente pensamos que é hora de repensar moitas cousas ao redor das renovables, confundidas a miúdo coa pedra filosofal ou cun elemento de alquimia enmeigado (só así se entende a confianza cega que tantas persoas depositan na presunta inocuidad das devanditas fontes de enerxía).

O texto foi extraído do blogue Stories of Creative Ecology e editado primeiro en inglés en formato caderno pequeno por Oplopanax Publishing, unha editorial anarquista estadounidense que entre outras cuestións toca temas como a loita contra o racismo e a colonización, loitas feministas ou de xénero, debates ao redor de grandes eventos de protesta, insurrecionalismo, situacionismo e teoría post-esquerda e por suposto, a defensa radical do territorio e a natureza. Desde Distribuidora Anarquista Polaris aconsellovos botarlle unha ollada aos seus materiais, que aínda que están en inglés son en grao sumo interesante. Nós recollemos este texto e reeditámolo traducido a castelán e galego.

Agardamos que vos resulte útil e interesante.

Distribuidora Anarquista Polaris.
Outono 2016.

P.D.: Somos conscientes de que para editar isto usamos medios e recursos que dependen desas mesmas tecnoloxías que estamos a criticar (papel, impresoras, computador, enerxía eléctrica...). Asumimos a contradición e non negamos a nosa dependencia dos devanditos medios nin as cousas positivas que podemos obter deles. Simplemente, non cremos que compensen o impacto natural en forma de innumerables nocividades e por suposto, tampouco cremos que por usar unha tecnoloxía concreta esteamos exentas de poder criticala e revisala.

«Vento de través»

Maus tempos para a lírica?

"A liberdade é algo inevitável, a viagem é longa pero tende a ter éxito"
Jesse Jackson

Tudo aponta a que *nom som bos tempos para a lírica* mas tamém é bem certo que *qualquer tempo passado nom foi milhor*, por muito que o refraneiro popular terme nelo. Levamos séculos de escravitudes, passamos de estar obrigadas a servir nossos amos sob ameaça de sofrer castigos a golpe de látego a estar obrigadas a ser submissas sob ameaza de sofrer penalidades a golpe de talego. As leis atuais nom diferem, na sua intencionalidade, das normas ditatoriais impostas, tempos há, por faraons, cesares, zares ou reises: embuir o medo a dissidência e castigar com penas abusivas a quem se atreva a pôr em questom a ordem estabelecida, co galho de que serva de escarmento e frene as ansias de lutar pola liberdade o resto da povoaçom.

As regras que regem nossas vidas de cidadás supostamente livres, disponhem de recursos normativos que permitem julgar e castigar severamente qualquer ato de desobediência que suponha pôr em questom o sistema capitalista internacional entanto louvam suas guerras polo control energético e tildam de operaçons humanitárias os assassinatos cometidos polas forças armadas de qualquer cor de casco na sua luta contra o Mal.

Mas quem representa esse Mal? A história que escrevem os ganhadores otorgam este ingrato papel a quem nom respeita as regras de obrigatório cumprimento de cada época e governo. Assim aquí e agora assistimos a contínuas situaçons de abuso de autoridade, onde um juíz pode encirrar titeriteiros, rapeiros ou escrevedoras nas redes sociais só por fazer o que, desde tempos imemoriais, sempre figera o povo: arremeter com burlas, mofas e escárnios contra todo poder e seus representantes e adalides.

A justiça segue seu caminho ao carom do medo. Sua meta é que sejamos as próprias cidadás as que nos autocensuremos e nom tenhamos arrestos para sair as ruas amossar nossa dissidência. De nós depende aceitar ser submissas ou terciar na luta. Eu nom vou calar e desde minha gávea berro:

Todas á rua, a luta continua!!

ogajeironagavea.wordpress.com